

A leitura literária em questão

Anete Mariza Torres Di Gregório

UNIABEU/UNIG

Resumo:

O artigo visa a ressaltar a importância da leitura literária no processo de construção do ser-leitor, refletindo sobre a hipótese de haver “contratos de literatura do leitor” subjacentes ao ato de ler. Intenta-se, ainda, tratar de um aspecto relativo ao assunto: o mercado editorial, instigando questionamentos acerca da tríade editores, autores e leitores de obras do universo ficcional.

Palavras-chave: Formação do leitor. Contratos de literatura do leitor. Mercado editorial.

Abstract:

The article aims at standing out the importance of the literary reading in the process of construction of being-reader, reflecting on the hypothesis of the existence of “literary contracts of the reader” underlying the act of reading. It also aims at dealing with an aspect related to the subject: the publishing market, instigating questionings concerning the triad publishers, authors and readers of fictional works.

Key words: Reader’s formation. Reader’s literary contracts. Publishing market.

Por razões de ordem puramente objetiva, demarca-se, a partir do título, a fronteira estabelecida para a abordagem do tema leitura. O sintagma nominal, cujo núcleo é *leitura*, vem constituído de modificador, posição ocupada pelo sintagma adjetivo *literária*: *leitura literária* é, portanto, o foco do estudo.

O recorte é imprescindível, tal a gama de modificadores que se subordinam ao determinado *leitura*: de jornal, de revista (científica, técnica, esportiva, culinária, da TV...), de histórias em quadrinhos, de *best-seller*, de verbete do dicionário, de enciclopédia, de contrato de aluguel etc., compondo diferentes tipologias, gêneros textuais que, por sua natureza, estão a serviço de atender aos propósitos definidos pelo leitor antes do ato de ler. Todos, indiscutivelmente, de extrema importância para a formação do leitor, devendo, pois, fazer parte do objeto de ensino das aulas de Língua Portuguesa.

Neste ponto, pergunta-se: que intenções prévias movem o leitor do gênero literário? Quais seriam as suas expectativas diante de tal gênero? Indagações que levam a pensar em

distintos olhares sobre o texto, considerando a possibilidade de existirem diferentes “contratos de literatura do leitor”: o do gramático/estudioso da língua, o do leitor-escritor de uma obra literária, o do leitor-literário etc. Para tentar entendê-los, atém-se – devido aos limites deste artigo – a refletir a respeito da cláusula-base de cada um desses contratos.

O gramático ou o estudioso da língua elabora o seu projeto de leitura literária visando a um fim determinado: colher excertos que lhe deem sustentação para a defesa de seus pontos de vista no que concerne às questões do idioma. A título de ilustração, retira-se do livro *Sintaxe Portuguesa para a Linguagem Culta Contemporânea*, de Claudio Cezar Henriques (2003, p.106), o seguinte comentário didático sobre a omissão da preposição antes da conjunção integrante:

Não é das mais defensáveis a afirmação de que esse tipo de omissão só ocorre “num registro mais informal” (cf. Moura Neves: *GULP*, p. 361, que dá o exemplo “Não há dúvida **que** irei embora daqui”).

Extraio do *Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos*, de Francisco Fernandes, dois exemplos [cito apenas um] que comprovam não ser a elipse da preposição um uso informal:

– Não há dúvida **que** na comparação de império a império, o uso e exercício dele foi muito mais humano e benéfico. (Vieira, *Sermões*).

O leitor-escritor de uma obra literária investe na leitura com um fito especial: encontrar autores que, em sua visão subjetiva, podem atuar como mestres do ofício de escrever. Atente-se para a matéria de Miguel Conde: *Batidão cultural – Novos autores brasileiros listam suas preferências e influências na literatura e em outras artes*, publicada no Caderno Prosa & Verso (4 de agosto de 2007, p. 2), da qual se recolhe o registro a seguir: “Antonio Prata, que disse ter votado em autores cujos livros leu ‘sentindo uma inveja profunda’ afirma que ‘de Machado, gostaria de aprender a escrever com a tinta da galhofa e a pena da melancolia’, (...)”

O leitor-literário, que decidiu eleger o gênero literário como leitura, tem (in)conscientemente um alvo certo: deparar-se com o inesperado, desejando surpreender-se a cada nova obra com o autor; extasiar-se com o estranhamento que singulariza a arte, desafiando-o como participante da criação do objeto artístico – a imprimir-lhe outros sentidos. Mas, sobretudo, por destinar-se a ler a arte da palavra, sentir o deleite de experimentar algo tão bem escrito, cuja forma sedutora embala o conteúdo sublime ou deprimente, envolvendo-o, desestabilizando sua razão e emoção.

Seja o livro de um autor que se proponha a discutir assuntos políticos, seja o de um escritor que centre sua produção no indivíduo e que, a partir dele, possa por extensão adquirir um sentido social, o leitor-literário coloca em segundo plano o aspecto do conteúdo da obra, embora esteja sedento de conhecimento sobre os mais diversos temas (simples ou complexos). Interessa-se, primordialmente, pela forma – o efeito estético do texto – que reflete o esmero com a linguagem (que, no gênero, é tão ou mais importante do que a própria realidade retratada). Além disso, assim como o escritor, o leitor busca sentir prazer em usar a imaginação. Se o artista recria livremente a realidade, o leitor recria livremente o texto literário que lê.

Fernando Pessoa, em seu poema *Autopsicografia* (1981, p.40), já se referia a essa participação ativa do leitor. Observe as duas primeiras estrofes: O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente.// E os que leem o que escreve,/ Na dor lida sentem bem,/ Não as duas que ele teve,/ Mas só a que eles não têm.

Entre jogos de palavras, ritmos, sons, imagens, a literatura conduz o leitor a mundos imaginários, causando-lhe prazer aos sentidos, sensibilizando-o e fazendo-o refletir.

Se um leitor quiser priorizar a temática, saciará sua sede de saber, procurando a fonte em outros gêneros textuais: técnico, científico..., cujos produtores – especialistas em questões político-sociais etc. – teriam condições de abordá-las com maior propriedade.

Em suma, há uma cláusula subjacente a todos os “contratos de literatura do leitor”: não se aceita, impunemente, traição; a obra e o autor não devem decepcioná-lo, sob pena do leitor se afastar, temporária ou definitivamente, do livro ou do escritor ou até mesmo da leitura literária.

Após essa breve digressão, retoma-se o tema da formação do leitor.

Recuperar a potencialidade leitora dos indivíduos denota, conforme lembra Eliana Yunes (2002, p.54), “restituir-lhes a capacidade de pensar e de se expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção de sua cidadania que se dá pela constituição do sujeito”, encorajando, dando maior força ao pensamento, ao juízo crítico.

Deseja-se ratificar que compete ao professor de Língua Portuguesa trabalhar a extensa variedade de textos que entram em circulação na sociedade contemporânea, garantindo as condições para o deslocamento dos indivíduos nas diversas comunidades sociais. Em seu ofício de ensinar, como diz Jorge Larrosa (2003, p.140), “a remessa do

professor não significa dar a ler o que se deve ler, mas sim ‘dar a ler o que se deve: ler.’” Não se trata, portanto, de eleger um gênero textual para a prática pedagógica, mas, de reconhecer que, para fins de explanação de tão amplo assunto, é imperativo selecionar – no âmbito do artigo – um dos gêneros.

Mas, por que a escolha da *leitura literária*?

Justamente porque, nos últimos tempos, a escola tem demonstrado apreço à leitura informativa, à leitura para finalidades pragmáticas, descuidando da leitura literária, da leitura de fruição, que pertence também ao vasto mundo da leitura, cujo acesso não pode ser restrito à leitura que situações da vida real demandam. Os resultados escolares, de modo geral, porém, permanecem insatisfatórios; continua-se pisando no chão da realidade brasileira de analfabetismo total e/ou funcional e de miséria dos valores ético-morais.

Está cada vez mais delicado, embaraçoso, difícil mostrar aos jovens o certo, o justo, o estético; neste, há distintas categorias, pois a desarmonia também pode constituí-lo. Os valores, nos dias hodiernos, estão confusos, indistintos, obscuros e, na fluidez desse mundo, a literatura pode exercer a função de uma âncora, tornando-se símbolo da esperança, atuando como organizadora do intelecto e da alma e como aperfeiçoadora da sensibilidade, especialmente em plano da subconsciência. De acordo com Elias Canetti (2001, p.276/277), “a literatura pode ser o que for, mas uma coisa não é – assim como não o é a humanidade que a ela ainda se agarra: a literatura não é algo morto”. Ao se aderir a uma aventura, proposta pelo cosmo ficcional, imagina-se que por meio dela poder-se-á chegar a algum lugar. Não tem a menor importância se, de fato, chega-se mesmo ou não: o fundamental é que a vida caminha para a frente.

Ressalta-se, todavia, que não se deve ter a ilusão de que a simples presença da literatura na escola – como atividade de “leitura” – contribuiria para a formação de indivíduos de pensamento profundo, críticos em relação ao mundo, resistentes a qualquer tipo de escravização ou conformismo. A literatura dentro da escola necessita estar vinculada a um projeto político-social-pedagógico para a formação de leitores, que vise à dimensão crítica dos indivíduos, reconhecendo-os como construtores de sentidos; que não os reduza a meros decodificadores e utentes de textos, consumidores de sentidos apresentados por outros. Só assim ela adquire a sua valorização.

Evidente que toda prática leitora tem de se alicerçar em tal projeto e que os demais gêneros textuais também viabilizam ao professor desenvolver o raciocínio intelectual e o espírito de criticidade de seus alunos. A leitura literária, no entanto, além de tudo isso, oferece

um bônus ao leitor: ao aproximar-se da linguagem artística, possibilita-lhe apropriar-se de sua riqueza, de sua beleza, da amplitude de seus horizontes, de diferentes percepções de mundo, de universos culturais distintos. Como afirma Harold Bloom (2001, p.15), “Ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria ou à de nossos amigos, presentes ou futuros. Literatura de ficção é alteridade e, portanto, alivia a solidão.”

Em síntese, o texto literário incita a maleabilidade do pensamento, a começar de uma interiorização e escolha de um grande número de vozes alternativas e discrepantes. A intimidade com a leitura literária não só realimenta o escutar, o falar e o produzir textos, como ainda transforma o pensamento e a consciência, enriquecendo a subjetividade do leitor, pois são fortes os laços entre a leitura literária, as emoções e a imaginação.

Por mais racional que o homem seja, por mais afeito à ciência como condutora ao progresso da humanidade e ao domínio do mundo, guarda em seus arquétipos maneiras intuitivas, ilógicas e irrealis – na linha do mito, da lenda ou da fantasia – de adquirir informação. Por isso, é o único animal que precisa que lhe contem histórias. Ele compreende a diversidade de conteúdos que o conformam como ser reprodutivo, sociável e histórico a partir de interpretações consecutivas dessas histórias, que podem assumir a forma de poemas, romances, texto teatral, relatos, cartas etc.

Diria mesmo que a necessidade de ouvir/ler histórias está ligada ao ser adâmico que habita em cada indivíduo, cujo corpo é a Palavra que se fez carne. E a palavra é a busca constante do escritor, conforme (en)canta, em seu poema *A palavra mágica*, Carlos Drummond de Andrade (1997, p.113): “Certa palavra dorme na sombra/ de um livro raro./ Como desencantá-la?/ É a senha da vida/ a senha do mundo./ Vou procurá-la. (...) e a minha procura/ ficará sendo/ a minha palavra.”

Em contato com o texto literário, o leitor é convocado a dialogar por meio do seu repertório prévio de experiências conceituais, linguísticas, afetivas, atitudinais etc. com os signos cuidadosamente articulados pelo autor da obra, cujo tecido verbal lhe permite alinhar múltiplos sentidos. Ao decorrer desse processo interativo, o sujeito-leitor recria ideias de certos referenciais de realidade, dinamizando o seu repertório.

Tal perspectiva implica uma concepção de ensino de leitura literária que repudia o que frequentemente acontece na escola: a exigência de um único significado convencional para fins de avaliação e de reprodução.

Quando o assunto é *leitura literária*, são vastos e complexos os aspectos que envolvem a discussão do tema, inclusive o fato da leitura literária canônica não ser a única

existente no cenário cultural de uma nação. Salienta-se que, no artigo, restringe-se a abordagem ao seguinte ângulo da questão: Sob a perspectiva do mercado.

Isto posto, desenrola-se um fio dos questionamentos, trazendo à baila a voz de Lygia Fagundes Telles (2007, p.10), em seu ensaio *O Chamado*:

Escrevi no livro “A disciplina do amor” que o escritor no Brasil é uma espécie em extinção mas vejo hoje que a espécie em processo de extinção é o leitor. Em cada esquina agora tem um novo editor com os escritores num delírio de lançamentos, sim, um verdadeiro porre de livros. E por onde anda o leitor fugidio?

SOB A PERSPECTIVA DO MERCADO

Refletir sobre os caminhos e os descaminhos da leitura literária importa pensar, de imediato, sobre os elementos que constituem o seu tripé: *editores, autores e leitores*.

O primeiro elemento – *editores* – impõe o deslocamento do foco de atenção primário dos interessados nas discussões que envolvem o ato de ler: da aura mágica da sedução entre autor e leitor, que emana do amálgama entre a linguagem e o tema selecionados pelo escritor (ponto de convergência habitualmente inicial da questão) para a realidade mercadológica que a antecede e a qual a obra literária está atrelada.

Aliás, as relações comerciais literárias em si não representam algo novidadeiro. Como se sabe, desde meados do século XVIII, momento em que o controle e o financiamento da publicação de obras saem da tutela da Igreja e do Estado, modifica-se o trato dado ao livro, que passa de genuíno objeto cultural a produto, transformando-se, paulatinamente, em negócio na sociedade burguesa.

Sem dúvida, a tendência mercantilista expande-se ao longo do tempo e o que se observa, ao final do século XX e início do XXI, é a solidificação de seu domínio e a sofisticação das estratégias de compra e venda da “mercadoria livro”.

Logo, o segundo elemento – *autores* – liga-se ao primeiro. É preciso reconhecer que, no Brasil, embora haja novas possibilidades de publicação – dentre elas, via internet – é a parceria entre escritores (fornecedores de matéria-prima) e editores (fabricantes do produto) que predomina¹.

¹ Fornecedores de matéria-prima e fabricantes do produto são expressões usadas por Marisa Lajolo em artigo publicado no Caderno Prosa & Verso, p. 2, do jornal O GLOBO, em 25 de fevereiro de 2006, intitulado *O paraíso distinto de editores*,

Hodiernamente, o livro-matéria-prima chega ao editor de maneiras distintas, tais quais: pelo correio (forma massiva e industrial), por um agente literário, pelo próprio autor (formas humanizadas e personificadas com a finalidade de persuadir o editor). Em nosso país, inexistem pesquisas acerca da eficácia de cada uma dessas formas.

Editores têm comportamentos diferentes para a triagem dos livros: alguns declaram que eles mesmos os leem e escolhem os editáveis, enquanto outros dizem que possuem, na estrutura da editora, um grupo pequeno de leitores incumbidos do processo seletivo dos passíveis de publicação.

Affonso Romano de Sant'Anna (2005, p.2) relata em seu ensaio *O negócio literário – Vender bem e virar best-seller é o quarto mistério de Fátima* que havia, na década de 70, na editora Francisco Alves, um conselho editorial, cujo papel era discutir em conjunto – com base na opinião deste e em pareceres de leitores especializados – os livros “com futuro”. Compunham-no o próprio Affonso, Rubem Braga e funcionários da empresa como Leo Magarinos, Carlos Leal, Paulo Rocco.

Quantas editoras mantêm, em seu quadro de funcionamento, um conselho editorial? Levantamento que demanda o interesse para outra área de pesquisa.

Como se entremostra, é tortuosa a passagem do livro-matéria-prima para o livro-produto, pois há, em seu curso, uma rede de intermediações que deverá garantir que, além do livro ir ao prelo, torne um objeto vendável. Urge ter-se em mente, portanto, que a anuência ou a desaprovação de uma obra literária percorre um complexo sistema de forças. Incorporados a esse sistema, situam-se os *mediadores* na promoção de um livro e os *legitimadores* de uma obra.

Entre os *mediadores*, nas últimas décadas, no Brasil, destaca-se o agente literário (figura mencionada anteriormente), que negocia contratos, faz sugestão de livros às editoras, luta por traduções, enfim, poupa o escritor do desgaste desse trabalho. Existem também os cursos de criação literária, conseguindo projetar autores no mercado. Incontestavelmente, porém, o elemento mediador primaz é a mídia, isto é, os meios de comunicação. Surgem como poderosos mediadores, os segundos cadernos e os suplementos literários.

Com a modernidade, o que dá visibilidade à obra e provoca a sua venda, não é mais a crítica literária divulgada nesses veículos, mas o espaço reservado neles para notas sobre os livros e reportagens com os seus respectivos autores; o que conta sobretudo são o *marketing* e

autores e leitores por ocasião da série de reportagens “Mitos e verdades do mercado editorial”. Tomam-se de empréstimo tais expressões por considerá-las próprias, exatas para acentuar o campo semântico pertinente à esfera industrial.

as intermediações do valor-imagem do escritor. A publicidade passa a ser, portanto, o meio para atingir o fim almejado: esgotar a edição. E quem decide o(s) livro(s)/autor(es), não necessariamente nessa ordem, “dignos” de ocupar(em) página(s) na vitrine jornalística? Constatase, pois, que o elemento mediador torna-se legitimador.

As instâncias *legitimadoras* convencionais e mais visíveis, no campo literário, são as academias, as universidades, os prêmios, os prefácios e orelhas escritas por autores conhecidos para lançar iniciantes, a publicação de antologias e as listas dos mais vendidos.

Ciente de que a sociedade em que se vive é a do consumo, conclui-se que o talento, as boas intenções do autor são insuficientes para resultarem em sucesso. A fórmula para o êxito requer, na maioria das vezes, a adição de outro componente: a escolha de uma boa parceria. Isso exige que o escritor conheça o funcionamento do sistema artístico literário a fim de que deixe de idealizar a trajetória do livro, imaginando que este chega ao leitor-público-alvo sem intermediários e sem as estratégias de marketing já referidas. Logo, é inevitável que os autores desenvolvam manobras para se saírem bem em seus empreendimentos, entre as quais, saberem com quem, como e quando se relacionar, quais acordos convêm formalizar.

Em tempos modernos, paralelamente ao sistema oficial, formas de aliança foram criadas no espaço da marginalidade pela “antiarte” (denominada de literatura de resistência, de contestação e marginal), cuja proposta inicial era expor-se como um antissistema. Mediaticamente, foram igualmente legitimadas, pois, do ponto de vista artístico, ser marginal ou de vanguarda transformou-se em estratégia de se alcançar por outros caminhos a legitimação.

O comércio do livro hoje não é nada simples. Embora o setor empresarial mande fazer pesquisas, visando a colher dados que possam norteá-lo no tocante à linha editorial que deve investir, elas pouco esclarecem, principalmente, na área da literatura, fato analisado e muito bem tratado por Lajolo, em seu artigo *O paraíso distinto de editores, autores e leitores*, citado anteriormente, em que põe em relevo a possibilidade de se atribuir outro(s) sentido(s) às informações fornecidas por essas investigações.

Aponta, por exemplo, a pesquisa encomendada pela Câmara Brasileira do Livro em junho de 2005, cujo resultado é bastante restrito, posto que a consulta abrangeu 513 editoras, no entanto, apenas 151 responderam as questões solicitadas. Como se vê, seu ponto crítico parte do núcleo inicial: o quantitativo de participação efetiva, apenas 29.5% aproximadamente.

A autora cita um dos obstáculos para a reflexão da leitura no Brasil: não poder dispor de fontes atualizadas e seguras. Declara que todos os questionamentos sobre o tema realizados até fevereiro de 2006² tiveram como referencial estatístico os números advindos dessa pesquisa. O critério de confiabilidade sobrepôs-se ao de recentidade.

Lajolo alerta, ainda, que pouca valia tem saber quantos exemplares entre lançamentos e relançamentos de literatura foram vendidos, pois isso é relativo (é pouco? é muito?). Como interpretar a revelação de que ocorreram mais títulos reeditados do que títulos novos? E que os lançamentos venderam mais exemplares do que os relançamentos? De que adianta considerar cifras que possibilitam o entrecruzamento da situação de autores brasileiros com a de autores estrangeiros, se os indicadores não distinguem autores de literatura, circunscrevendo-se às chamadas obras gerais, grupo que inclui a literatura?

O mais preocupante, prossegue a autora, é a contenda da publicação/vendagem de livros entre escritores nacionais e escritores estrangeiros ou a escassez do consumo do mercado brasileiro de obras não-didáticas, nacionais ou estrangeiras?

Diagnósticos apresentados por essas pesquisas deixam uma série de lacunas no mapeamento das condições de leitura no Brasil. Quanto aos editores, ficam à deriva em relação à linha de investimentos de livros não-didáticos, pois os didáticos têm comprador certo representado pelo MEC. Qual dos setores daqueles livros atrairia mais o consumidor? No campo literário, onde está o filão?

A avaliação de originais é fonte de angústia não só para autores ou candidatos a escritor – que não querem ter seus sonhos frustrados – como também para editores. Estes temem sempre o equívoco avaliatório, isto é, o erro na apreciação de uma obra, levando-os à rejeição de um livro que pode transformar-se em um “clássico” ou em um *best-seller*, caso publicado por outra editora.

O problema aumenta à proporção que cresce o número de autores e de aspirantes a autor, extrapolando a esfera editorial e atingindo as instâncias mediadoras que, por seu turno, não estão conseguindo dar conta de sua tarefa. E a legitimação? Verifica-se que seu papel cabe cada vez mais ao mercado. Isso traz no bojo um risco iminente: o da quantidade sobrepor-se à qualidade.

Nessa seara mercadológica, situa-se a peleja entre editores e autores. E os *leitores*, onde estão e como ficam?

² Faz-se necessário contextualizar a declaração, feita em 25/02/06. Para o escopo do artigo, o que importa não é trazer à baila dados quantitativos de uma última pesquisa, mas sim, a leitura crítica de Marisa Lajolo, aplicável a outras investigações congêneres.

Em suma, a fim de que a tríade *editores, autores e leitores* de obras literárias encontre com maior segurança seus caminhos, urge um conhecimento mais aprimorado dos hábitos da cultura letrada brasileira. Só assim pode-se pensar, de fato, em promoção da leitura, em fruição do ato de ler.

Quanto a esse desconhecimento, Affonso Romano de Sant'Anna (2005, p.2), no ensaio *Dados sobre livros e leitura – Exemplar vendido não significa exatamente que estão sendo lidos*, chama a atenção para um dos tópicos apontados por muitos editores: a questão da “fidelização”. Ilustra-a com o fenômeno de vendagem *Harry Potter*, cujos leitores fiéis migraram em seguida para o *Senhor dos Anéis*, formando-se um público leitor principalmente na faixa jovem. Ignora-se para quais livros passaram os leitores após aquelas leituras. “Migraram ou minguaram?”, indaga o escritor.

Considerando-se notícias posteriores ao ensaio de Sant'Anna divulgadas na mídia, pode-se dizer que a fidelidade dos leitores (ou compradores?) da série *Harry Potter* continua firme. Em 17 de julho de 2007, o jornal O Globo publica a manchete: “‘Harry Potter’, filme [quinto da série do bruxinho inglês: *Harry Potter e Ordem da Fênix*] e livro, batem recordes”, matéria de André Miranda, ressaltando que o lançamento do sétimo livro *Harry Potter and the deathly hallows*, de Joanne Kathleen Rowling (em português, *Harry Potter e as relíquias da morte*), desencadeou a vendagem por encomenda de mais de dois milhões de livros, no site de vendas on line Amazon, ultrapassando os 1,5 milhão do sexto volume, *Harry Potter e o enigma do príncipe*. No Brasil, a Rocco lançou o livro sete em dezembro do referido ano.

Finalizando, vale a pena lembrar as palavras de Jean-Paul Sartre no tocante à produção de uma obra:

O ato criativo é apenas um momento incompleto e abstrato; [...] Mas o processo de escrever, enquanto correlativo dialético, inclui o processo da leitura, e estes dois atos dependem um do outro e demandam duas pessoas diferentemente ativas. O esforço unido de autor e leitor produz o objeto concreto e imaginário que é a obra do espírito. A arte existe unicamente para o outro e através do outro.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A palavra mágica. Poesia*. Seleção Luzia de Maria. Rio de Janeiro: Record, 1997.

- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CANETTI, Elias. *A consciência das palavras: ensaios*. Tradução Márcio Suzuki e Herbert Caro (“O outro processo”). 1. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CONDE, Miguel. *Batidão cultural – Novos autores brasileiros listam suas preferências e influências na literatura e em outras artes*. O Globo, Rio de Janeiro, 4 ago. 2007. Caderno Prosa & Verso, p. 1-3.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. Tradução de Alfredo Veiga – Neto. 4. ed. 1 imp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MIRANDA, André. ‘*Harry Potter*’, filme e livro, batem recordes. O Globo, Rio de Janeiro, 17 jul. 2007. Segundo Caderno, p. 8.
- PESSOA, Fernando. *Poesia*. Por Adolfo Casais Monteiro. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1981.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *O negócio literário – Vender bem e virar best-seller é o quarto mistério de Fátima*”. O Globo, Rio de Janeiro, 26 mar. 2005. Caderno Prosa & Verso, p. 2.
- _____. *Dados sobre livros e leitura – Exemplar vendido não significa exatamente que estão sendo lidos*. O Globo, Rio de Janeiro, 14 maio 2005. Caderno Prosa & Verso, p. 2.
- SARTRE, Jean-Paul. Was ist Literatur? **IN**: *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 2. ISER, Wolfgang. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- TELLES, Lygia Fagundes. *O chamado*. O Globo, Rio de Janeiro, 02 jun. 2007. Caderno Prosa & Verso, p. 10.
- YUNES, Eliana. (Org.). Dados para uma história da leitura e da escrita. **IN**: *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.